

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

27 Jan 2017
21:00 Sala Suggia

David Angus *direcção musical*
Paulo Barros *flauta*

1ª PARTE

João Domingos Bomtempo

Sinfonia n.º 1 em Mi bemol maior, op. 11

(1809; c.25min)

1. *Largo – Allegro vivace*
2. *Minuetto*
3. *Andante sostenuto*
4. *Presto*

Wolfgang Amadeus Mozart

Concerto para flauta n.º 2 em Ré maior,

KV 314 (1778; c.20min)

1. *Allegro aperto*
2. *Adagio non troppo*
3. *Rondo: Allegretto*

2ª PARTE

Wolfgang Amadeus Mozart

Sinfonia n.º 41 em Dó maior, “Júpiter”, KV 551

(1788; c.35min)

1. *Allegro vivace*
2. *Andante cantabile*
3. *Minuetto: Allegretto*
4. *Molto allegro*





Maestro David Angus
sobre o programa do concerto

<https://vimeo.com/200851531>

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE

reseo
RESEIO
RESEIO

REMA
REMA
REMA

EUROPE JAZZ NETWORK

ECHO

EUROPEAN
CONCERT HALL
ORGANISATION

TENSO

João Domingos Bomtempo

LISBOA, 28 DE DEZEMBRO DE 1775

LISBOA, 18 DE AGOSTO DE 1842

Sinfonia n.º 1 em Mi bemol maior, op. 11

No final do século XVIII e pela primeira vez na era cristã, a música secular sobrepõe-se à música sacra. A “Idade das Luzes” fazia o seu caminho, graças a Galileu, Newton, Diderot, d’Alembert, Voltaire, Rousseau. A Europa caminhava a passos largos para o movimento Romântico, e desde a Revolução Francesa e a afirmação política do Novo Mundo nas Américas, enfrentava agora profundas transformações sociais e políticas.

Na música, a ópera e a sinfonia impõem-se como géneros de eleição, libertando-se das amarras dos modelos barroquizantes. A Europa fervilha de música nos centros culturais mais activos, como Viena, Londres, Praga, Mannheim, Nápoles. Muitos compositores ficam na sombra da história perante o brilho, a grandeza e imortalidade dos nomes maiores que se constituem como marcos geniais da história da música, como Mozart, Haydn ou Beethoven. Mas o talento, a qualidade e o papel que muitos deles desempenham no desenrolar da história deve ser assinalado e devidamente reconhecido.

A alguns destes músicos, como Muzio Clementi, John Field e o português João Domingos Bomtempo, se deve a gradual afirmação da figura do pianista-compositor do Romantismo (de que Chopin e Liszt viriam a ser as figuras máximas), e daquilo a que se chamou o “estilo brilhante”.

Apesar de ser o maior nome da música instrumental do final de setecentos e primeira metade do século XIX em Portugal, o compositor e

pianista João Domingos Bomtempo permanece ainda relativamente desconhecido da maior parte dos portugueses. A sua formação e carreira decorreram contra todas as probabilidades, tendo em conta o ambiente lisboeta retrógrado do final de setecentos, a ausência duma burguesia próspera que incentivasse o consumo artístico privado, as invasões napoleónicas, a saída da corte para o Brasil, as lutas liberais e a guerra civil – um quadro geral em tudo contrário às artes.

Durante o reinado de D. Maria I e na regência de D. João VI, apesar de um certo cosmopolitismo da corte, o peso da Igreja Católica da Contra-Reforma resultou num certo “fechamento cultural”, que condicionou a plena introdução do espírito iluminista do “século das luzes” em Portugal. Se a música puramente instrumental tardava a impor-se, mais ainda a introdução de um repertório de feição mais moderna, ou de outra origem que não a italiana.

É neste contexto que nasce João Domingos Bomtempo, filho do italiano Francesco Saverio Bomtempo, oboísta vindo para Portugal para integrar a Real Câmara em meados do séc. XVIII. Faz-se músico ainda jovem e em 1801, aos 26 anos, decide aperfeiçoar-se: escolhe Paris, em vez de Roma ou Nápoles (como era habitual entre os seus pares), e opta pela música instrumental em vez da ópera – o piano.

É a primeira grande ruptura com a tradição: o jovem João Domingos vai à procura das novas correntes estilísticas do centro europeu, na senda da Escola de Viena. Busca música no espírito do seu tempo, um tempo voltado para o futuro e para a música instrumental.

Liberdade, Igualdade, Fraternidade – é este o ar que se respira em Paris. E é onde Bomtempo inicia uma carreira de pianista de sucesso, brilhando nos salões como solista. A simpatia de Bomtempo pela causa liberal e o seu muito

provável envolvimento com a maçonaria terão certamente tido influência nesta escolha.

É em Paris que começam os contactos e as amizades artísticas que vão influenciar a escrita musical de Bomtempo, como por exemplo Muzio Clementi – o famoso pianista, pedagogo e editor, de quem absorveu muito do seu estilo pianístico. Foi o seu grande amigo e viria a ser o seu editor em Londres. A Sinfonia n.º1 data deste período, provavelmente de 1809. É um marco na nossa História da Música, por ser a primeira sinfonia clássica escrita por um português.

O primeiro andamento abre com um *Largo* no mesmo acorde d' *A Flauta Mágica* de Mozart. A solenidade maçónica introduz um *Allegro vivace* em forma-sonata que faz brilhar o espírito criativo de Bomtempo – este domina a escrita com confiança pressentindo-se a pulsão pré-romântica que o invade. O *Minuetto* que se segue ainda não é um scherzo, como em Beethoven, e como virão a ser muitos dos minuetos das sonatas e obras de câmara no futuro, mas já não segue o tempo habitual do minuetto.

O *Andante sostenuto* remete-nos claramente para o século XIX. E algures, sente-se a voz da Pátria, numa espécie de fado fundido numa ária italiana. Como escreveu Gerard Doderer, “mantendo sempre uma linguagem musical elegante, no seu carácter expressivo, muitas vezes permite-se reconhecer a feição elegíaca do sentimento lusitano”.

O andamento final, um *Presto* construído em forma-sonata, é um rodopio de cromatismos, de malícia jocosa e de brilhantismo orquestral.

Estilisticamente, Bomtempo começa por expressar na sua música o seu amor por Haydn e a técnica de Clementi. Mas sente-se que persegue mais do que isso. A veia do Romantismo pulsa-lhe por entre a escrita classicista. Arrisca sobretudo na forma, incorpora melodismos próximos da vocalidade, a exemplo de

John Field, seu amigo, e busca uma originalidade que por vezes se ofusca na profusão dos temas que introduz.

Após as Guerras Peninsulares, Bomtempo regressa a Lisboa com mais frequência, mas de forma intermitente. Sabe-se que em 1816 está em Londres, em 1818 está em Paris e novamente em Londres em 1819. Nas passagens curtas por Lisboa encontra sempre um ambiente pouco propício à actividade musical, com o país sob domínio inglês no rescaldo das invasões francesas e com a corte ainda no Brasil.

Nesse período dedica-se à composição daquela que será a sua obra-prima: *o Requiem à Memória de Camões*, datado de 1818 e apresentado em Paris e em Londres com grande sucesso – vivia-se um período de revivalismo em torno da obra camonianiana. Em 1820 regressa definitivamente a Portugal, entusiasmado com a proclamação da Constituição. Compõe e dedica obras à causa constitucional e liberal, envolve-se profundamente na transformação do país para um modelo assente na Carta Constitucional e no liberalismo político, acreditando na instituição de um novo tipo de sociedade, baseada na igualdade jurídica de todos os cidadãos perante a lei, no respeito pelos direitos naturais dos homens e pela liberdade individual em todos os sectores.

Radicado em Lisboa, dedica-se finalmente à criação da Sociedade Filarmónica, uma sociedade de concertos que assentava num sistema de subscrição pública – tal como existiam em Paris, Viena, Londres e em todas as capitais cultas da Europa – e que contou com o apoio de personalidades de tendências liberais, com destaque para o Barão de Quintela, o Duque de Cadaval ou os Duques de Lafões. Era, de resto, a única forma de se realizarem concertos públicos.

Graças à Sociedade de Concertos, foi finalmente possível ouvir em Portugal obras inéditas de Mozart, Beethoven (como a 5ª Sinfonia) e Haydn, para além dos compositores amigos com quem Bomtempo tinha convivido em Paris, como Clementi, Cherubini ou Boccherini.

Com a dissolução das Cortes por D. Miguel e com a instauração do Regime Absoluto, Bomtempo é obrigado a fugir ou esconder-se. Em 1828 refugia-se no consulado da Rússia em Lisboa, de onde só saiu em 1833, 5 anos depois, quando D. Pedro IV chega a Lisboa e se dá nova viragem política.

Implantado o Regime Constitucional e recuperada a normalidade institucional, o novo regime reconhece-lhe as qualidades cívicas e artísticas e atribui-lhe a qualificação de mestre de música da Rainha D. Maria II, que o agracia com a Comenda da Ordem de Cristo.

Em 1835 é nomeado primeiro director da Escola de Música do Conservatório Geral de Arte Dramática, acabado de fundar por Almeida Garrett.

Wolfgang Amadeus Mozart

SALZBURGO, 27 DE JANEIRO DE 1756

VIENA, 5 DE DEZEMBRO DE 1791

Concerto para flauta n.º 2 em Ré maior, KV 314

Foi durante uma das suas estadias em Mannheim, na iluminada e estimulante corte musical do Príncipe Eleitor Karl Theodor, que Mozart aceitou uma encomenda de um holandês de nome De Jean, músico amador, que incluía, entre várias obras, os dois concertos para flauta e orquestra. Consta que terá aceitado o trabalho com relutância, dado o desinteresse que sentia pela flauta. De resto, acabou

por receber menos de metade dos 200 florins acordados, devido ao excessivo atraso na entrega das obras.

Mozart tinha 22 anos, corria o ano de 1778, e há registo de uma carta ao seu pai onde se queixa: “além disso, sabes que fico impotente sempre que sou obrigado a escrever para um instrumento que não suporto”.

Mas ao ouvirmos este concerto K. 314 em Ré maior, a última coisa que nos ocorre é a existência de qualquer tipo de desconforto ou desinteresse na sua concepção, tal o brilho, a leveza, a solidez da estrutura, a elegância que a superioridade mozartiana faz sobressair em cada frase dos três andamentos do concerto.

Em 1920 foi descoberto o Concerto para oboé em Dó, que veio a ter o K. 271k, e descobriu-se que o 2º Concerto para flauta é uma transposição para Ré desta obra composta em 1777, com alterações de detalhe.

O Concerto inicia-se com um *Allegro aperto* em forma-sonata, vivo e dinâmico, claramente de influência francesa, que começa com um solo de flauta ao estilo dos solistas vocais *castrati*, com uma longa nota sustentada, alternado com um segundo tema mais doce e contrastante. O *Andante ma non troppo* explora extensamente as capacidades líricas da flauta, proporcionando um melodismo sublime, através do material temático reescrito a partir do antigo Concerto para oboé de 1777. Termina com um *Allegro* final, num rondó espirituoso, muito no estilo d’*O Rapto do Serralho*, que seria estreado quatro anos depois em Viena. Convince-nos, definitivamente, que a flauta até poderia ser, claramente, um dos seus instrumentos de eleição.

Sinfonia n.º 41 em Dó maior, “Júpiter”, KV 551

Mozart escreveu a sua primeira sinfonia em 1764, aos oito anos de idade, e a última, a magnífica “Júpiter” n.º 41 em Dó maior, três anos antes de falecer. Foi composta em conjunto com as Sinfonias n.º 39 (Mi bemol maior) e n.º 40 (Sol menor), num inimaginável curto período de apenas nove semanas, no Verão de 1788, pouco depois da estreia de *Don Giovanni*. Todavia, estas três obras sinfónicas colocaram-se e permanecem, até hoje, no patamar selectivo das obras-primas referenciais do repertório sinfónico.

Não há registo de terem sido estreadas em vida do compositor: apenas se assinala a apresentação de uma “grande sinfonia” de Mozart na Tonkünstler Sociatät em Abril de 1791; como a “Júpiter” inclui trompetes e tímpanos – o que a define como uma “grande” sinfonia – talvez possa ter sido, de facto, interpretada nessa altura. A designação de “Júpiter” é atribuída a Johann Peter Salomon, violinista e empresário alemão radicado em Londres (responsável pelas encomendas a Joseph Haydn das Sinfonias de Londres), e surge mais tarde e apenas na primeira edição impressa da Sinfonia, já no século XIX. Na verdade, tomar o título do mais poderoso deus do mundo romano parece fazer sentido para a Sinfonia que, para alguns, fez revelar justamente a existência de Deus, graças à sua supremacia formal e perfeição anímica.

Nikolaus Harnoncourt sugeria que as três últimas sinfonias seriam, na verdade, um ciclo. A ser assim, a “Júpiter” dará continuidade à n.º 40; se na Sinfonia anterior se evocam dúvidas, aqui convocam-se certezas.

O primeiro andamento, *Allegro vivace* inicia-se firmemente ancorado na tónica, com autoridade, antecipando uma sucessão

surpreendente de diferentes temas, caracteres, personagens e modelações, sempre com elegância, determinação e fulgor, num sucedâneo de humores controlado ao milímetro com mão de mestre, com recurso a uma orquestração genial que usa os sopros a pontuarem, passo a passo, cada recorte dramático.

O segundo andamento, *Andante cantabile*, desenrola-se num ambiente onírico, com as cordas em surdina e os sopros num registo intimista. Entre a calma e a angústia, entre a luminosidade e a sombra, ressalta a nobreza do *cantabile*. É um andamento ambíguo: a partitura pede *cantabile*, mas a música parece querer rebelar-se. O *Minuetto: Allegretto* traz de volta o ambiente do primeiro andamento, com segurança, solenidade e elegância, fazendo a ponte para o andamento seguinte, onde vários séculos de História da Música irão convergir e influir.

O finale *Molto allegro* é, a todos os títulos, extraordinário, mesmo para os padrões de Mozart. De uma propulsiva exuberância, um motivo de quatro notas dá origem a um intrincado contraponto, minuciosamente elaborado, com a secção das madeiras em escalas descendentes cromáticas densamente harmonizadas, levando ao *tour de force* final: uma fuga a 5 partes invertida, numa explosão notável de textura orquestral de magnitude monumental.

Na primeira biografia de Mozart, publicada em 1828, Georg Nikolaus von Nissen afirma que “a sua Grande Sinfonia em Dó, com a fuga final, é verdadeiramente a primeira de todas as sinfonias. Em nenhuma obra musical o toque divino do génio brilha mais e de forma mais bela”

Na Sinfonia n.º 41, Mozart alargou definitivamente o espectro emocional da escrita sinfónica, numa pulsão luxuriante que prefigura a vasta tela expressiva que virá a emergir nas sinfonias de Beethoven.

GABRIELA CANAVILHAS, 2017

David Angus *direcção musical*

Após um período muito bem-sucedido enquanto Director Musical da Glimmerglass Opera (EUA), David Angus tornou-se Director Musical da Ópera Lírica de Boston, com a qual renovou recentemente contrato pela terceira vez. Estreou-se no Festival de Ópera de Wexford em 2012, aí regressando em 2014. Dirige a Filarmónica de Londres todas as temporadas e é Maestro Honorário da Sinfónica da Flandres. A sua natural empatia com os mais jovens levou-o a ser Maestro Associado da Guildhall School of Music and Drama (Londres) e Consultor Vocal da Escola Britten-Pears em Aldeburgh.

Colabora regularmente com a Ópera Lírica de Boston, Ópera Glimmerglass e Companhia de Ópera Dinamarquesa, em paralelo com o trabalho orquestral que desenvolve com a Filarmónica de Londres, Hong Kong, Calgary (EUA), Sinfónicas da Flandres, Utah, San Antonio e Lahti, Orquestra Filarmónica da UNAM (México), Brabants Orkest, Odense Symfoniorkester e Collegium Brugense, entre outras orquestras da Europa e América do Norte. Dirigiu concertos gravados e transmitidos pela BBC e por estações de rádio da Áustria, Irlanda, Holanda, Dinamarca, Itália e Bélgica (Rádio Klara). No Reino Unido apresentou-se com a Royal Philharmonic Orchestra, Orquestra Hallé, Orquestra Ulster, Filarmónica da BBC e Sinfónica Escocesa da BBC, Orquestras de Câmara Escocesa e Inglesa e Northern Sinfonia, colaborando por diversas ocasiões com a Filarmónica de Londres e os London Mozart Players, em concertos e gravações.

David Angus estudou em Belfast e foi coralista no King's College (Cambridge) sob direcção de Sir David Willcocks, onde despontou

a sua afinidade musical com o compositor Benjamin Britten, para quem cantou em Aldeburgh. Mantém uma estreita colaboração com o Festival de Aldeburgh e desde então dirigiu, por exemplo, *Albert Herring* no Jubilee Hall e gravou *Curlew River* de Britten em CD. Estudou música na Universidade de Surrey antes de ser premiado com uma bolsa em direcção na Royal Northern College of Music, onde recebeu três prémios Ricordi no domínio da ópera. Começou a carreira enquanto repetidor na Opera North, tornando-se depois maestro assistente no Festival Glyndebourne, onde dirigiu *A Flauta Mágica*, *Eugene Onegin* e *New Year* de Michael Tippett; na Glyndebourne Touring Opera dirigiu *Così fan tutte* e *Kát'a Kabanová*.

David Angus dirigiu *A Midsummer Night's Dream* de Britten em Turim, onde regressou para inúmeros concertos e produções de *Hänsel und Gretel*, *Boris Godunov* e *The Turn of the Screw*, que dirigiu também em Bolonha e Modena. Aí se apresentou diversas vezes com o Ballet Béjart de Lausane. Dirigiu as estreias britânicas de *A Feiticeira* (Tchaikovski), *Danton's Tod* (von Einem) e a orquestração de Chostakovitch de *Boris Godunov* de Mussorgski, bem como as produções de *The Rape of Lucretia*, *Albert Herring*, *Fausto*, *Dom Quixote* (Henze/Paisiello), *La Bohème*, *O Barbeiro de Sevilha* e *Orfeo* (Maderna/Monteverdi). Trabalhou com as Óperas de Paris, Canadá, Malmö e Islandesa, Den Jyske Opera e English Touring Opera. A sua agenda inclui *La Bohème*, *Werther*, *Carmen*, *The Rake's Progress* e *Figaro* em Boston, Elgar e MacMillan com a Sociedade Coral de Huddersfield e a Filarmónica da BBC, gravações com a Filarmónica de Londres e Orquestra da Opera North e concertos nos EUA, Reino Unido, Suécia e Itália. Estreia-se na NorrlandsOperan (Suécia) e na Filarmónica Arturo Toscanini (Parma) e regressa à Opera North em 2017.

Paulo Barros *direcção musical*

Paulo Barros é o flautista solista chefe de naipe da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música. Nasceu em Paços de Brandão, em 1974, e iniciou os estudos de flauta transversal aos sete anos, tornando-se bolsheiro da Fundação Calouste Gulbenkian. Licenciou-se na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo do Porto (ESMAE) com a classificação máxima, tendo recebido o Prémio Eng.º António de Almeida pela melhor média de licenciatura. Frequentou várias masterclasses e cursos de aperfeiçoamento e foi aluno de Aurèle Nicolet em Oberwil, na Suíça. Foi laureado com 1^{os} Prémios na Juventude Musical Portuguesa e no Prémio Jovens Músicos.

Integrou várias orquestras e ensembles, incluindo a Orquestra de Jovens da Comunidade Europeia (ECYO), Orquestra Luso-Alemã, Orquestra de Córdoba, Orquestra Utopica, Oficina Musical Portuguesa e Remix Ensemble, entre outras. Apresentou-se a solo com inúmeras orquestras, em concertos de música de câmara e festivais de música, expandindo a sua actividade internacional por países como Luxemburgo, Suíça, França, Espanha, Macau, Colômbia, Áustria, Brasil e África do Sul.

Foi docente na ESMAE, Escola Superior de Artes Aplicadas de Castelo Branco (ESART) e Universidade Católica do Porto. É actualmente professor de flauta transversal na Escola Profissional de Música de Espinho. É frequentemente convidado para orientar masterclasses e fazer parte do júri de concursos.

Tem vários CDs gravados – como solista com orquestra, em música de câmara e como membro de orquestra (EMI Classics, Koch Schwann, Tradisom, Skarbo, Vintage Records e Numérica).

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Baldur Brönnimann *maestro titular*

Leopold Hager *maestro convidado principal*

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König (maestro titular no período 2009-2014), Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Ilan Volkov, Antoni Wit, Takuo Yuasa e Lothar Zagrosek. Entre os solistas que têm colaborado com a orquestra constam os nomes de Pierre-Laurent Aimard, Jean-Efflam Bavouzet, Pedro Burmester, Joyce Didonato, Alban Gerhardt, Natalia Gutman, Viviane Hagner, Alina Ibragimova, Steven Isserlis, Kim Kashkashian, Christian Lindberg, Felicity Lott, António Menezes, Midori, Truls Mørk, Kristine Opolais, Lise de la Salle, Benjamin Schmid, Simon Trpčeski, Thomas Zehetmair ou o Quarteto Arditti. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, George Aperghis e Heinz Holliger, a que se junta em 2017 o compositor britânico Harrison Birtwistle.

A Orquestra tem vindo a incrementar as atuações fora de portas. Nas últimas temporadas apresentou-se nas mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid,

Santiago de Compostela e Brasil, e ainda no Auditório Gulbenkian.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler e Prokofieff e dos Concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Em 2014 surgiu o CD monográfico de Luca Francesconi, seguindo-se em 2015 um disco com obras de Unsuk Chin, ambos com gravações ao vivo na Casa da Música. Na temporada de 2017, a Orquestra apresenta a integral das Sinfonias de Brahms e obras-chave como o *Requiem* de Mozart, *War Requiem* de Britten, *Earth Dances* de Harrison Birtwistle e *Via Sacra* de James Dillon, além das estreias nacionais de encomendas da Casa da Música a Magnus Lindberg e Pascal Dusapin.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Engloba um número permanente de 94 instrumentistas, o que lhe permite executar todo o repertório sinfónico desde o Classicismo ao Século XXI. É parte integrante da Fundação Casa da Música desde Julho de 2006.

Violino I

James Dahlgren*
Afonso Fesch*
Ianina Khmelik
Evandra Gonçalves
Maria Kagan
Vladimir Grinman
Tünde Hadadi
Roumiana Badeva
José Despujols
Vadim Feldblioum
Andras Burai
Alan Guimarães

Violino II

Nancy Frederick
Tatiana Afanasieva
Lilit Davtyan
Pedro Rocha
Mariana Costa
José Paulo Jesus
Francisco Pereira de Sousa
Paul Almond
Domingos Lopes
Ana Madalena Ribeiro*

Viola

Mateusz Stasto
Anna Gonera
Emília Alves
Luís Norberto Silva
Rute Azevedo
Hazel Veitch
Francisco Moreira
Biliana Chamlieva

Violoncelo

Nikolai Gimaletdinov*
Feodor Kolpachnikov
Michal Kiska
Gisela Neves
Aaron Choi
Hrant Yeranossyan

Contrabaixo

Diego Zecharies*
Joel Azevedo
Nadia Choi
Tiago Pinto Ribeiro

Flauta

Ana Maria Ribeiro
Alexander Auer

Oboé

Tamás Bartók
Roberto Henriques*

Clarinete

Luís Silva
Gergely Suto

Fagote

Gavin Hill
Vasily Suprunov

Trompa

Nuno Vaz*
Bohdan Sebestik

Trompete

Ivan Crespo
Luís Granjo

Tímpanos

Paulo Oliveira

*instrumentistas convidados

FUNDAÇÃO CASA DA MÚSICA

CONSELHO DE FUNDADORES

Presidente

LUÍS VALENTE DE OLIVEIRA

Vice-Presidentes

JOÃO NUNO MACEDO SILVA

JOSÉ ANTÓNIO TEIXEIRA

ESTADO PORTUGUÊS

MUNICÍPIO DO PORTO

GRANDE ÁREA METROPOLITANA DO PORTO

AÇA GROUP

ÁGUAS DO PORTO

AMORIM INVESTIMENTOS E PARTICIPAÇÕES, SGPS, S. A.

ARSOPI - INDÚSTRIAS METALÚRGICAS ARLINDO S. PINHO, S. A.

AUTO - SUECO, LDA.

AGEAS PORTUGAL,

BA VIDRO, S. A.

BANCO BPI, S. A.

BANCO CARREGOSA

BANCO COMERCIAL PORTUGUÊS, S. A.

BANCO SANTANDER TOTTA, S. A.

BIAL - SGPS S. A.

CAIXA ECONÓMICA MONTEPIO GERAL

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

CERELIS, SGPS, S. A.

CHAMARTIN IMOBILIÁRIA, SGPS, S. A.

CIN, S. A.

COMPANHIA DE SEGUROS ALLIANZ PORTUGAL, S. A.

COMPANHIA DE SEGUROS TRANQUILIDADE, S. A.

CONTINENTAL MABOR - INDÚSTRIA DE PNEUS, S. A.

CPCIS - COMPANHIA PORTUGUESA DE COMPUTADORES INFORMÁTICA E SISTEMAS, S. A.

FUNDAÇÃO EDP

EL CORTE INGLÉS, GRANDES ARMAZÉNS, S. A.

GALP ENERGIA, SGPS, S. A.

GLOBALSHOPS RESOURCES, SLU

GRUPO MEDIA CAPITAL, SGPS S. A.

SDC INVESTIMENTOS SGPS, S.A.

GRUPO VISABEIRA - SGPS, S. A.

III - INVESTIMENTOS INDUSTRIAIS E IMOBILIÁRIOS, S. A.

LACTOGAL, S. A.

LAMEIRINHO - INDÚSTRIA TÊXTIL, S. A.

METRO DO PORTO, S. A.

MSFT - SOFTWARE PARA MICROCOMPUTADORES, LDA.

MOTA - ENGIL SGPS, S. A.

MUNICÍPIO DE MATOSINHOS

NOVO BANCO S.A.

OLINVEST - SGPS, LDA.

PESCANOVA

PHAROL, SGPS, S.A.

PORTO EDITORA, S.A.

PRICEWATERHOUSECOOPERS & ASSOCIADOS

RAR - SOCIEDADE DE CONTROLE (HOLDING), S. A.

REVIGRÉS - INDÚSTRIA DE REVESTIMENTOS DE GRÉS, S. A.

TOYOTA CAETANO PORTUGAL, S. A.

SOGRAPE VINHOS, S. A.

SOLVERDE - SOCIEDADE DE INVESTIMENTOS TURÍSTICOS DA COSTA VERDE, S. A.

SOMAGUE, SGPS, S. A.

SONAE SGPS S. A.

TERTIR, TERMINAIS DE PORTUGAL, S. A.

TÊXTIL MANUEL GONÇALVES, S. A.

UNICER, BEBIDAS DE PORTUGAL, SGPS, S. A.

EMPRESAS AMIGAS DA FUNDAÇÃO

CACHAPUZ

DELOITTE

EXTERNATO RIBADOURO

GRUPO DOUROAZUL

MANVIA S. A.

NAUTILUS S. A.

SAFIRA FACILITY SERVICES S. A.

STRONG SEGURANÇA S. A.

OUTROS APOIOS

FUNDAÇÃO ADELMAN

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA

RAR

NEW COFFEE

PATHENA / IZS

PRIMAVERA BSS

LUCIOS

PATRONO DO CONCERTINO DA ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

THYSSENKRUPP



casa da música

MECENAS PROGRAMAS DE SALA

MDS Global Insurance
& Risk Consultants

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA
DO PORTO CASA DA MÚSICA

OSMAE

APOIO INSTITUCIONAL

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA**
CULTURA

MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA

 **BPI**